

*Flávia Cestaro Christofolletti*

**A CONTRIBUIÇÃO DO NATURÓLOGO NA RELAÇÃO PESSOAL  
COM O TEMA MORTE**

São Paulo, 2006

***Flávia Cestaro Christofolletti***

**A CONTRIBUIÇÃO DO NATURÓLOGO NA RELAÇÃO PESSOAL  
COM O TEMA MORTE**

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia 4 Estações, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Valéria Tinoco

São Paulo, 2006

***Flávia Cestaro Christofolletti***

**A CONTRIBUIÇÃO DO NATURÓLOGO NA RELAÇÃO PESSOAL  
COM O TEMA MORTE**

Data de aprovação: 23/07/2006

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Valéria Tinoco – Orientadora  
Instituto de Psicologia 4 Estações

---

Prof.<sup>a</sup> Luciana Mazorra  
Instituto de Psicologia 4 Estações

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena Pereira Franco  
Instituto de Psicologia 4 Estações

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Gabriela Casellato  
Instituto de Psicologia 4 Estações

Dedico este trabalho à todos que, de uma forma ou de outra, me mostraram que perder algo ou alguém dói muito mas que, mesmo assim, acima desta dor, existe sempre uma pessoa dentro de mim capaz de me levantar e me fazer crescer.

Luiz Carlos, amigo, irmão, disposto a todo o momento para me auxiliar no que fosse preciso;

Rodrigo, companheiro de quase todo meu trabalho, presença essencial no meu pouso, carinho e próprio estudo;

Tio Marcos e Mônica, complementação de minha estadia, abrindo a privacidade para mim;

Rô, divulgadora oficial dos meus questionários;

Todos que se disponibilizaram a responder o questionário,

Dani, minha irmã de alma, apenas por ser,

Julian, por me motivar a encarar minha limitação;

Nenê, por me mostrar que perder dói;

E, principalmente, aos meus pais, anjos que passaram por cima de seus temores e privaram-se de ganhos materiais para me proporcionar este estudo.

## **Agradecimentos**

Ao Professor Dr. José Sílvio Govone, que se mostrou disposto, sem restrições a me ajudar com os números e, à Unisul, que me permitiu unir os dias de trabalho com os de estudos.

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará. A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito. Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu a um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo. Não adianta fugir nem mentir pra si mesmo.. Agora há tanta vida lá fora...

Nelson Motta

## Resumo

O curso normal da vida nos leva a perdas, por mais que sejamos triunfantes. As doenças, a velhice, as limitações físicas e mentais, as separações, solidão são tipos de morte que enfrentamos ou enfrentaremos em algum momento de nossa vida. As perdas são experiências difíceis que evocam sentimentos particulares e a relação que cada um estabelece com elas expressa, às vezes, inquietações e soluções encontradas em meio aos recursos que o indivíduo tem disponíveis em si. A presente monografia pretende pesquisar e estudar como as pessoas lidam com o assunto morte em suas vidas, bem como suas dificuldades, limitações, naturalidades e tabus em relação ao assunto. Visa adquirir dados que possam facilitar e auxiliar a prática da profissão do naturólogo durante a interagência no processo de luto em relação às perdas. Para tanto, foi realizada e, posteriormente analisada, uma pesquisa quantitativa, a fim de obter dados que trouxessem maior aproximação do objetivo proposto. Baseada em bibliografias relacionadas ao assunto e em cima de autores especializados, foi feita uma discussão dos dados apresentados, correlacionando-os com o benefício da atuação de um profissional naturólogo. Constata-se que é de suma importância a intervenção de um naturólogo, especializado no assunto, em processos de perdas e lutos, possibilitando, primeiramente, atender às necessidades reais de uma pessoa que sofre por um rompimento de vínculo, encontrando dificuldades em reconhecer e aceitar a realidade e, finalmente, experimentar e lidar com as emoções e problemas que advêm da perda.

Palavras-chave: perdas, morte, intervenção.

## Summary

The normal course of life leads us to losses, even though we are triumphant. The diseases, the old age, the physical and mental limitations, the separations, solitude are types of death we faced or we will face in some moment of our life. The losses are difficult experiences which evoke private feelings and the relationship that each one establishes with them, express, sometimes, inquietudes and solutions that are found in the resources or knowledge that the individual has available in him/herself. The present monograph intends, firstly, to examine and study how people work with the subject of death in their lives, as well as their difficulties, limitations, naturalness and taboos with it. Secondly, it aims to get data that can make the practice of the profession of the naturologist during the interchange in the process of grief in relation to the losses easier. To achieve that, it was made and, later analyzed, a quantitative research, in order to obtain data that brought larger approach of the proposed objective. Based on bibliographies related to the subject and on specialized authors, it was made a debate of the presented data, correlating them with the benefit of the performance of a professional naturologist. It was verified that the intervention of a naturologist, expert in the subject, in processes of losses and sorrow, is extremely important, making it possible, firstly, to assist the real needs of a person that suffers because of the broken bond and the difficulties of recognizing and accepting the reality and, finally, to try and work with the emotions and problems that come from the loss.

Keywords: losses, death, intervention

## Sumário

Apresentação	
1. Introdução	01
2. Apresentação Teórica	03
3. Objetivo	07
4. Método	07
5. Resultados	08
6. Discussão dos Dados	13
7. Considerações Finais	29
8. Referências Bibliográficas	31
9. Anexos:	
- questionário	33
- tabulações e gráficos referentes à pesquisa	35

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve o enfoque estabelecido na abordagem pessoal que cada indivíduo tem sobre o tema morte.

Todo o texto será debatido em torno das respostas às questões realizadas por meio de uma pesquisa quantitativa elaborada com a finalidade de conhecer melhor como as pessoas se relacionam com o tema morte e, assim, obter um instrumento mais palpável na intervenção do processo terapêutico do naturólogo.

A Naturologia tem sua filosofia baseada na aplicabilidade das práticas naturais no homem, considerando-o em sua globalidade, complexidade e múltiplos aspectos, não atuando em sintomas singulares, mas sim, tratando todo o organismo, tornando-o harmonizado e equilibrado consigo mesmo e com o meio em que vive.

O naturólogo atua nos sistemas da arte, da educação e da saúde, utilizando a prevenção, materializada nas ações de saúde física e emocional.

O enfoque do trabalho desse profissional está em estimular a reflexão do indivíduo para o entendimento da conexão corpo - mente, fazendo-o compreender e agir de forma que a atenção não esteja tão somente voltada para a doença do corpo físico e sim, que esta, na maioria das vezes, advem do desequilíbrio emocional.

O estudo da morte em geral é chamado também de Tanatologia, palavra que tem sua origem no grego *tanathos*, o deus da morte, e *logia*, que significa ciência. É uma ciência que está preocupada em compreender e auxiliar nas reações emocionais e sentimentais de quem sofre a dor da perda. Estuda aspectos biológicos, sociais, psicológicos, emocionais, legais e éticos relativos à morte. Baseia-se no princípio de cuidar mais do que curar. Sua prática implica num trabalho profundo de reflexão sobre o sentido existencial da vida e

da morte, buscando a compreensão da morte como uma mudança de estado da consciência.

A Naturologia juntamente com a Tanatologia oferecem recursos que permitem trabalhar as perdas em geral, auxiliando assim, as pessoas em suas perdas no decorrer da vida e no dia a dia.

Casos de processo de luto e diferentes atitudes tomadas perante as possibilidades de perda estão presentes na maioria das queixas trazidas pelos interagentes<sup>1</sup>. Adoecer mediante ao sofrimento de uma perda, negar-se a passar por processos de luto, não procurar ajuda de um profissional especificamente por causa de uma perda e não ter consciência sobre a finitude, são formas que as pessoas, com as quais tive oportunidade de atender e observar, lidam com o tema morte. Dentro de uma abordagem naturológica, é de suma importância dar atenção a este aspecto da relação vida e morte humana e conhecer mais sobre como as pessoas enfrentam a questão da morte. Mediante este estudo, o naturologo pode estabelecer uma relação entre o uso das práticas naturais com uma abordagem adequada a fim de atender às necessidades dessa população que busca ajuda por questões que envolvem implícita ou explicitamente morte, perdas e luto.

É fato que poucas pesquisas foram realizadas nesta área e que a profissão Naturologia é de recente criação e está em processo de desenvolvimento, por isso, fazer a interrelação entre esses dois temas possibilita um novo olhar e um novo instrumento que possa facilitar a intervenção terapêutica.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para denominar a pessoa a qual se dispõe ao tratamento naturológico, desenvolvendo este um papel ativo no trabalho realizado.

## 2. APRESENTAÇÃO TEÓRICA

O tema da morte é importante, pois toca fundo em nossos limites mais extremos e também em nossa maior possibilidade de abertura, o que implica em aceitar a naturalidade do acontecimento, integrando-o conscientemente ao ciclo de vida do ser humano. A morte, por ser um fato inevitável e indomável pelo homem, coloca limite à nossa razão, consciência e capacidade de apreensão e percepção.

Estudar a relação que as pessoas têm com o assunto morte, é deparar com questões interligadas com os aspectos sociais e culturais do meio atual, os quais se tornam reflexos de atitudes, pensamentos e conceitos que os indivíduos desenvolvem.

Falar sobre o assunto morte não é muito fácil. A sociedade ocidental vem mascarando este tema há mais ou menos cinco décadas.

Segundo estudos de Áries (1990), antigamente, o processo de morte era encarado com maior naturalidade pelas pessoas. O homem sabia que iria morrer, seja porque reconhecia a morte espontaneamente, seja porque cabia aos outros adverti-lo sobre ela.

Em cima disso, ele se preparava, realizando os ritos da morte. Esses rituais eram abertos ao público e a presença do sacerdote para a tarefa de extrema-unção era imprescindível.

Após a morte, os familiares seguiam os costumes: fechavam as janelas, acendiam velas, cobriam os espelhos e purificavam a casa com água benta. Sobre uma mesa, o defunto era exposto com os dedos entrelaçados, envoltos por um rosário durante dois ou três dias, tempo necessário para que parentes e amigos pudessem se despedir.

As crianças não eram ocultadas dos acontecimentos e, desde cedo, sabiam e participavam dos rituais de despedida.

As manifestações de luto eram respeitadas. Havia espaço para a expressão da dor das saudades e do dilaceramento da separação, até que as pessoas sentidas pudessem se recuperar.

A dor da perda não tem espaço na pós-modernidade. A família e pessoas próximas podem sentir tristeza, porém, segundo os novos costumes, eles não deverão manifestá-los publicamente. É exigido do enlutado um autocontrole de seu pesar para não perturbar outras pessoas.

Atualmente, a morte tão presente e tão doméstica no passado se tornou vergonhosa, inominável: um tabu.

As crianças que, outrora, sabiam e participavam dos rituais de despedida, hoje são separadas ao máximo dessa realidade.

O contato delas com a morte começa através da descoberta de um mundo externo, acompanhando assim, o curso natural do seu desenvolvimento cognitivo. Torres (1999) afirma que a compreensão da morte pela criança não se faz isoladamente de outros desenvolvimentos cognitivos de sua vida e, sim, acompanha o nível de seu desenvolvimento global.

Para tanto, aos cinco anos a criança pode ver a morte na televisão ou vivencia a perda de um bicho de estimação, mas, logo depois, vê outro bicho igual aquele que ela tinha, e o mesmo ator em novela e filme, fazendo com que ela acredite que a morte é um processo reversível, temporário e permanente. Por essas experiências e outras que vão acompanhando o desenvolvimento da criança, o entendimento sobre a morte começa a aflorar mesmo que ainda a considere como um acontecimento não natural e revogável. Segundo Cruz (1984), a criança assimila a morte com fantasias criadas por ela mesma. Morre-se por fantasmas, por ter feito algo que a mãe não tinha permitido. Nesta etapa da criança a idéia de morte como um acontecimento impermanente é alimentada por contos de fadas em que os personagens de desenhos morrem,

mas, logo após, voltam à vida permanecendo ilesos, isto é, não vulneráveis à morte.

Aos sete anos a criança pode compreender o sentido real da morte, incorporando experiências externas para o entendimento da irreversibilidade. Segundo Piaget (1961), o tema da morte toma proporções de maior importância para o desenvolvimento e amadurecimento do conceito de causalidade e este fato aguça a curiosidade da criança que exige uma explicação especial para o acontecimento.

Já, aos dez anos, a morte é vista como um fim, irrevogável, sem volta e, conseqüentemente, a partir desta idade em diante, a criança compreende emocionalmente o fato, sentindo pesar pela morte de um ente querido. O entendimento de morte como um fato natural e parte do ciclo normal da vida é estabelecido.

Discutir sobre morte é um diálogo muito difícil, duro, porém necessário conosco mesmo, com o outro e com a criança.

Raimbault (1979) descreve como experiência profissional que o assunto morte no âmbito infantil é uma descoberta de nova visão que está fora do espectro do adulto. Esta visão é superadora do mito tradicional da pureza da criança, bem como sua ingenuidade e desconhecimento.

As crianças também morrem, percebem e sentem a morte do outro e a forma como todo esse conteúdo é passado a elas é tarefa dos adultos. Segundo Aberastury (1984), falar abertamente com a criança, trazendo fatos verídicos, alivia, ajuda a elaboração da perda e ainda fortalece o vínculo da criança com o mundo adulto.

Contudo, a situação do acontecimento, o sentimento, a capacidade de abordar e lidar com o tema, a história pessoal e outros fatores interferem na maneira como o tema é abordado pelos adultos (ABERASTURY, 1984).

O medo, a saudade, lembrança, tristeza, depressão são algumas das respostas desenvolvidas pelas pessoas mediante a possibilidade e a realidade da morte.

As atitudes de cada indivíduo frente à morte refletem uma soma de sentimentos criados ou desenvolvidos no decorrer da vida.

O medo da morte, por exemplo, segundo Kovács (1992) apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões. A maneira como é referido ao fim da vida, o medo da solidão e da separação de quem se ama, medo do julgamento, do desconhecido, medo de deixar o ente querido, medo do fracasso e da interrupção dos planos e do futuro são respostas psicológicas diante da morte.

Da mesma forma, pessoas que passam por experiências de morte não concreta, isto é, separações, transformações, perdas e ganhos a cada passagem do desconhecido para o novo também passam por uma cadeia de sensações, emoções e respostas físicas à situação.

Numa separação amorosa, as características de fim, término e rompimento são similares à de uma morte física. Martin (1989) descreve que o rompimento amoroso se assemelha a outras separações enfrentadas nas perdas de cada passagem da vida em que as fases de esperança de reformulação, barganha, raiva, revolta e ressentimento estão presentes.

Caruso (1986) afirma que a separação amorosa e a morte física são cúmplices: “a primeira se apresentará como precursora e símbolo da segunda”, por isso, falar em rompimento é estar falando também da presença da morte em vida.

Contudo, esta forma de rompimento de vínculo enfrenta uma resposta discriminada da sociedade. Maldonado (2000) relata que a separação representa um evitável fracasso sujeito ao repúdio da sociedade e não

reconhecimento como um processo de luto. Isto deve-se ao pensamento de que o indivíduo tem controle sobre a separação, ao contrário da morte.

### **3. OBJETIVO**

A presente monografia pretende pesquisar e estudar como as pessoas lidam com o assunto morte em suas vidas, bem como suas dificuldades, limitações, naturalidades e tabus em relação ao assunto. Visa adquirir dados que possam facilitar e auxiliar a prática da profissão do naturólogo durante a interagência<sup>2</sup> no processo de luto em relação às perdas.

### **4. MÉTODO**

Primeiramente foi realizado um questionário piloto, aplicado em 10 pessoas, no qual algumas falhas foram apontadas e corrigidas para que o questionário final fosse aplicado.

No questionário piloto, algumas observações foram feitas e, conseqüentemente, adaptadas ao objetivo do estudo.

As perguntas: Você teve alguma história pessoal de morte que deixou trauma? e: Esse trauma foi superado? foram substituídas por uma única pergunta: Teve alguma história pessoal de morte que foi mais difícil para você? Por quê? A palavra trauma utilizada no questionário piloto, trouxe diferentes conotações, substituindo a questão por outra a qual julgamos ser de melhor compreensão pelo questionado e mais objetiva.

A ordem de algumas questões também foi alterada no intuito de seguir uma linha de raciocínio cronológica e, em alguns casos, além das múltiplas alternativas oferecidas nas perguntas de respostas pré-estabelecidas, foi

---

<sup>2</sup> Processo criado entre naturólogo e interagente, em que se pode pôr em prática novas perspectivas para modificar condições insalubres que estejam afetando a vida de um indivíduo, utilizando como veículo terapêutico, as práticas naturais.

acrescentada mais uma alternativa aberta para que o questionado tivesse a oportunidade de ser verdadeiro em suas respostas, não se atendo somente às opções dadas pela pesquisa.

E, por fim, na questão de número 15, achamos interessante que o questionado justificasse sua resposta, trazendo assim, maiores informações para serem estudadas.

Após a reelaboração, foi aplicado um montante de 201 questionários, tornando-se possível a avaliação de cada pergunta e a correlação entre algumas delas, chegando-se ao objetivo proposto da realização da pesquisa.

Ao final, com os dados tabelados, foi realizada uma análise estatística<sup>3</sup> profissional a fim de validar a pesquisa no âmbito científico.

Todos os cuidados éticos foram tomados com os sujeitos questionados que participaram da pesquisa de forma voluntária, sendo preservada, assim, suas identidades.

## **5. RESULTADOS**

A aplicação dos questionários foi de forma aleatória, isto é, sem um público alvo específico, com verificação quantitativa dos dados a qual passou por uma análise estatística profissional posteriormente.

Apenas 19 (9,45%) questionários entregues não retornaram, totalizando um número de 201 questionários preenchidos e tabulados.

As pessoas que se recusaram a responder o questionário e as que não os devolveram, foram as com faixa etária de mais de 60 anos, idade menos presente no questionário (7,5%). Uma certa barreira e mesmo dificuldade de

---

<sup>3</sup> Análise estatística pelo método de teste de uma proporção usando a aproximação normal com a orientação do Professor Dr. José Sílvio Govone, professor do curso de matemática da UNESP – Universidade do Estado de São Paulo.

falar sobre o assunto foram os motivos relatados por não responderem e pela dificuldade em retornar a pesquisa.

Já os adultos, com faixa etária respectivamente de 20 à 26 (36,3%), 40 a 59 (25,9%) e 27 a 39 (21,4%) anos de idade foram os que mais participaram da pesquisa. Para tais pessoas, falar sobre a morte talvez não seja tão ameaçador quanto para o idoso. Porém, estes dados não são fixos. É preciso conhecer o contexto vivencial, a fenomenologia de cada caso particular, pois a morte e o morrer se configuram diferentemente para cada pessoa.

Os dados referentes à idade que o questionado tinha quando se deu conta que a morte existia mostram que a maior parte deles, cerca de 62,2% tiveram contato com o assunto entre os 5 e 10 anos, menos de 5 anos (20,4%), mais de 10 anos (16,9%) e uma pequena parcela, 0,5% que disse não saber.

Em relação a como o assunto era abordado quando criança, observamos os seguintes dados: 42,2% tiveram acesso abertamente ao tema, 24,4% relataram que o assunto foi abordado com certa dificuldade, 22,4% não tinham oportunidade de falar nesse assunto, 6% vivenciaram uma tentativa de esconder algo ou fugir do assunto e os outros 5% não responderam esta questão.

O primeiro contato com a morte foi com a morte de um avô (a) e/ou bisavô (a) para 42,3% dos entrevistados, 19,7% de outra pessoa da família, 13,9% de um bicho de estimação, 7,2% de um irmão (a), 6,3% pai ou mãe, 5,8% amigo, 3,8% pessoa pública e 1,0% outro.

No que se refere à influência religiosa na atitude pessoal sobre a morte, 56,7% dos sujeitos afirmaram que a religião influencia de modo significativo, 23,9% relataram que não acreditam que esta tenha alguma influencia e 18,9% afirmaram o contato da religião, porém não com tanta influencia.

Traduzindo a morte em forma de conceito, o resultado apresentado foi de: 67,2% acreditam que a morte seja uma passagem, 17,9% encaram a morte como fim, 7% como prêmio, 3% um fato natural, 1,5% mencionam ser um mistério e 2,5% não souberam dar um conceito para a morte.

Tabulando os sentimentos em relação à morte, uma grande parcela, 49,6% citou lembrança/saudade, 16,7% sentimento de medo, 15,8% prazer em estar vivo, 12,8% outros sentimentos além dos dispostos no questionário e, 5,1% mencionaram depressão.

Na questão 7 em que a pergunta em questão foi o que causa mais desconforto, pensar sobre a própria morte ou a de quem ama, obteve-se a porcentagem de 85,5% dos sujeitos com desconforto sobre a possibilidade da morte de pessoas que ama e 12,6% pensar sobre a própria morte.

No que se refere à dificuldade de falar sobre o assunto, 89,6% dos questionados, relataram que não tem algum problema em abordar o tema e apenas 10,4% mencionaram ter dificuldade.

Dos sujeitos entrevistados, 51,7% relataram ter alguma história pessoal ligada à morte que foi difícil e 47,3% afirmaram não ter esta dificuldade. Dos 51,7% que têm história pessoal de morte difícil de lidar, 67,3% relataram ser pela experiência de perda de parente próximo e/ou pessoas especiais, 21,2% por morte trágica ou traumática, 3,8% pelo fato de se sentir incapacitado de elaborar perdas, 1,9% pelo fim de um relacionamento, 1,9% por morte de animal de estimação e 1,0% por aborto. Dos 47,3% que negaram dificuldade, 26,3% explicam que não tiveram perdas significativas, 26,3% aceitam o fato da morte e 47,4% não responderam este tópico.

Correlacionando as questões 8 e 9, obtivemos o seguinte resultado: 5,5% dos sujeitos questionados têm dificuldade de falar sobre morte com outras pessoas e também tiveram história pessoal mais difícil de ser trabalhada

relacionada ao tema; 5% têm dificuldade de falar no assunto, mas não tiveram alguma história pessoal difícil; 47,8% não têm dificuldade de falar sobre a morte, mas tiveram história pessoal ligada ao assunto e, por fim, 40,8% não têm dificuldade de falar no tema e não tiveram história pessoal marcante.

Trabalhando com a questão de rompimento amoroso, 72,1% já tiveram experiência de final de relacionamento e apenas 27,9% não vivenciaram este tipo de perda. Dos 72,1% que passaram por este rompimento, 27,5% encararam como término de uma etapa, abrindo-se para novos relacionamentos, 20,5%, passaram alguns dias tristes, deprimidos, chorosos, mas depois superaram, 20,5% passaram bastante tempo deprimido, mas superaram, 6% não superaram e ainda sofrem, 2% não se mobilizaram com o término, 13,5% não responderam e 10% trouxeram outras respostas.

Quando uma pessoa amiga perde um ente querido, a forma como cada um reage perante esta situação é a seguinte: 44% ficam apenas ao lado da pessoa amiga, 30,7% tentam consolá-lo com palavras, 11% tentam levantar o ânimo e fazer o enlutado esquecer do acontecimento, 7,3% não falam nada, pois não sabem o que dizer, 3,2% choram e 3,2% trouxeram outras respostas.

No que diz respeito à procura de ajuda profissional para trabalhar questões ligadas à perda, 86,6% nunca procuraram este tipo de ajuda e 12,9% já utilizaram deste tipo de serviço. Porém 61,2% procurariam ajuda e somente 35,8% não se disponibilizariam a este trabalho profissional.

Em relação à intervenção profissional, 81,1% responderam ser positiva a intervenção de um profissional especializado para trabalhar questões ligadas à perda, 9,5% desconhecem e não opinam, 3% prejudiciais, 1,5% são indiferentes, 4,5% não responderam e somente 0,5% considera a intervenção negativa.

Foi feita a correlação das perguntas 14 e 15, analisando e obtendo-se os seguintes dados: 35,8% dos sujeitos não procuraram e não procurariam ajuda de um profissional especializado para tratar questões ligadas à morte, 12,4% já procuraram e procurariam tais profissionais e 48,8% não procuraram, mas procurariam.

Justificando suas respostas, 1,0% mencionam que a ajuda de um profissional contribui no relacionamento com as pessoas, 31,8% consideram que ajuda a trabalhar as dificuldades na abordagem do tema, 4,5% acham que a ajuda deve vir da religião, família e amigos, 9,9% não acham necessário procurar ajuda, 15,4% procurariam ajuda se necessário, 15,4% relatam que a intervenção de um profissional ajudaria na aceitação da morte, 1,5% não tiveram ainda esse tipo de experiência, 1% apresentam resistência na procura deste tipo de profissional, 23,9% não responderam, 3% dos questionários nesta pergunta ficaram prejudicados e 1,5% trouxeram outras respostas.

Outra correlação foi feita, estudando se o sujeito tem dificuldade de falar sobre o assunto morte e se teve alguma história pessoal que foi mais difícil, obtendo-se os seguintes resultados: dos que responderam que tiveram história difícil, 47,8% não tem dificuldade em abordar o assunto e apenas 5,5% apresentam esta dificuldade. Já 40,8% não tiveram história pessoal e nem dificuldade em abordar o assunto e 5% tem dificuldade em falar no assunto, mas não viveram alguma história pessoal difícil de ser lidada.

Ao final da tabulação e análise da pesquisa foi possível perceber, com maior relevância que, a maioria dos sujeitos questionados teve seu primeiro contato com a morte entre cinco e dez anos de idade; o assunto era abordado abertamente; a religião influencia na atitude sobre a morte; não apresentam dificuldade de falar sobre o tema; já tiveram história pessoal ligada à morte que foi mais difícil de ser lidada; nunca procuraram ajuda profissional para trabalhar

questões ligadas à perda; procurariam a ajuda de profissionais especializados no assunto e, por fim, acreditam ser positiva a intervenção de um profissional especializado no tema.

## **6. DISCUSSÃO DOS DADOS**

Através de relatos informais feitos pelos sujeitos, foi possível observar que curiosidades e debate sobre a morte, experiências pessoais, lembranças e indagações internas foram ressaltados.

A maioria das pessoas relatou ter gostado de responder o questionário pelo fato de se permitir pensar e materializar na forma de palavras um assunto que, hoje em dia, é muito encoberto pela sociedade.

Algumas pessoas relataram que o questionário foi um veículo de aproximação com o assunto no âmbito familiar. Para responder, formavam grupos ao redor da mesa e discutiam as experiências passadas, as dificuldades e os medos.

Duas pessoas se recusaram a responder o questionário alegando dificuldade extrema em abordar o assunto, sendo assim respeitadas.

Certa dificuldade em abordar o tema morte, foi apresentada pelos sujeitos questionados acima de 60 anos. Por mais que o idoso encare a morte como descanso e solução, consoante Fraiman (1991), os próprios processos mentais, conscientes e inconscientes, se dirigem a tentativa de contorná-la ou adiá-la, porque culturalmente, é aprendido que a morte é o que há de pior. O idoso também passa por diversas perdas que vão desde sua capacidade física, oportunidades sociais até possibilidades de realização de projetos, somados a sua experiência de morte de entes queridos, fatores estes que podem torná-lo esquivo mediante o assunto.

Esse desligamento com um processo vital pode trazer ao idoso um medo constante da possibilidade de morte e uma apatia que, segundo Rosenberg (1992), dificulta ainda mais a aceitação da transitoriedade.

Neste contexto, é importante o estímulo ao idoso para perceber que a velhice não é somente perda e solidão, mas também a perspectiva de um passado longo com experiências refletidas no presente e no futuro, futuro este que é indefinido para todos, sejam idosos ou não.

- **Idade em que a pessoa se deu conta de que a morte existia**

Verificando os dados presentes, a maioria dos sujeitos questionados (62,2%) se deu conta da existência da morte entre cinco e dez anos de idade. Este fato pode estar relacionado ao suprimento da curiosidade apresentada pela criança quando deparada com o acontecimento da morte. Segundo Bowlby (1993), a criança encontra exemplos de morte em pequenas situações, não somente nas de morte de uma pessoa da família, instigando-a, então, a buscar explicações e, conseqüentemente, entender que a morte existe.

Na idade de cinco a dez anos é que a irreversibilidade da morte é percebida e, talvez pelo desenvolvimento deste conceito, é que os sujeitos questionados mencionaram como sendo nesta etapa que descobriram que a morte fazia parte do ciclo vital do ser humano.

Segundo Raimbault (1979), na faixa etária de dez anos em diante, a criança passa a sentir emocionalmente a morte com características de irreversibilidade, universalidade e causalidade, percebendo a realidade da morte. Neste contexto, 16,9% das respostas da percepção da morte com mais de dez anos de idade foram consideradas pelos questionados.

Entretanto, estudando Aberastury (1984), vê-se que a criança tem consciência da morte e sabe que ela existe desde o início da infância,

ocorrência apresentada por 20,4% dos sujeitos que responderam dar-se conta da morte com menos de cinco anos. Seguindo o mesmo pensamento e, consoante Bromberg (2000), quando a criança tem idade suficiente para estar vinculada, ela pode ter consciência da possibilidade da perda.

- **Como o assunto era abordado quando criança**

A forma como o assunto morte é abordado com a criança é tarefa do adulto. A criança tem uma aguda capacidade de observação e, quando um fato diferente do costume ocorre, é natural que as perguntas venham.

Na pesquisa realizada, um percentual de 42,3% dos sujeitos questionados ressaltaram que o assunto morte era abordado abertamente em seu núcleo familiar. Certamente, este número é reflexo de conversas sinceras que não têm como objetivo ocultar fatos reais da vida e que abrem espaço para que surjam outras questões meio às curiosidades apresentadas pela criança, sendo estas supridas conforme a disponibilidade do adulto e do meio em que a criança vive.

Porém, somando-se os números de 24,4%, 22,4% e 6% vemos que certa dificuldade na abordagem, não abertura para o assunto e ocultamento ou fingimento do tema, consecutivamente, refletem a dificuldade ocidental que a maioria das crianças teve quanto ao acesso aberto a explicações sobre a morte.

Estudiosos como Bowlby (1993), Bromberg (2000) e Kovács (1992) denotam que a ânsia de proteger a criança contra a consciência da morte e da dor da perda faz com que o adulto oculte, retarde, ou mesmo crie conceitos irreais sobre a existência da morte. Isto é reflexo, muitas vezes, da própria incapacidade adulta de suportar e lidar com questões tão delicadas.

O resultado disso é uma distorção e um estreitamento na possibilidade da criança de poder tocar no assunto e desenvolver de forma saudável seu próprio conceito e atitude perante uma situação de perda.

Uma criança que tem como exemplo um adulto que lhe esconde seus sentimentos, certamente, ela também tenderá a esconder os seus, quando o silêncio é predominado perante o assunto e, assim, quando uma perda acontecer, a criança utilizará dos meios aprendidos e repassados pelos adultos.

A não possibilidade de abordagem do tema por uma criança pode gerar marcas que, expostas na posterior vida adulta, viriam a ser fruto de dificuldades em relação ao assunto.

- **O primeiro contato com a morte**

O primeiro contato com a morte, segundo a maioria dos pesquisados (42,3%), foi com a perda de um avô (a), bisavô (a). A pessoa mais próxima da realidade da morte concreta, pela ordem cronológica, seriam os idosos. Em seguida (19,7%), o primeiro contato com o fato foi com outras pessoas da família: tios, primos e parentes.

A morte de um animal de estimação também é um acontecimento marcante na vida de uma criança, o que traduziria o percentual de 13,9% .

A perda de irmãos (15%), pai e ou mãe (6,3%) e amigos (5,8%) vem em seguida como momentos primários em relação ao contato com a morte. E, por fim, 3,8% dos sujeitos pesquisados relataram ter seu primeiro contato com o a morte de pessoas públicas, conhecidas apenas pelos veículos de comunicação e não pelo contato físico em si.

Ao se analisar o primeiro contato da criança com a morte, a questão não nos dá aprofundamento suficiente para fazer avaliação da intensidade e

diversidade dos laços afetivos vividos pelas crianças na experiência de morte, por isso, não é possível afirmar que o primeiro contato com morte se dá conforme a grau de afetividade e proximidade.

- **Influência da religião na atitude sobre a morte**

Com a ajuda da antropologia, entendemos que o ser humano é um ser natural, membro de um grupo particular ou de vários grupos. Neste sentido, um dos grupos que ele pode participar é a religião.

Religião, segundo Gaarder et al (2000), é composta por uma filosofia de vida que tem seu conjunto de regras e normas que interfere no modo como o indivíduo se relaciona com a realidade. Neste contexto, a inserção em um grupo religioso, seja ele qual for, permite ao homem a possibilidade de compreensão do sentido da vida, baseado em uma fé que nem uma ciência explica.

Na maneira como a religião influencia na atitude do homem sobre a morte, 56,7% dos sujeitos questionados garantem que, de modo significativo, a participação em um dogma religioso é indispensável. Como forma de suporte e auxílio, a religião torna-se uma importante ferramenta de apoio e conforto perante uma situação em que o homem se sente fragilizado. Fonseca e Vasconcelos (2005) afirmam que a religião permite às pessoas uma proximidade maior com o sagrado, fato que conforta e ameniza a dor da perda, tornando-a suportável e aliviando a ferida formada.

Em uma parcela de 18,9% a religião não exerce tanta influencia na atitude sobre a morte, mostrando talvez que a filosofia passada por determinada religião, no momento da perda, não supre a necessidade do homem de suporte e apoio. Ele busca, parcialmente, explicações fora dos conceitos religiosos disponíveis.

Já 23,9% dos sujeitos questionados mencionam que a religião não exerce nenhuma influencia na atitude frente à morte. Este percentual não quer dizer que o indivíduo não busque suporte ou apoio quando se vê deparado com situações de perda. O que se pode pensar é que lidar com a morte está aquém de participar de uma instituição religiosa. É mais uma busca interna desvinculada de qualquer padrão específico, mas que seja capaz de trazer o alívio e a ajuda necessária ao enfrentamento de um rompimento.

- **Conceito de morte**

Procurando a palavra morte no dicionário vemos o seguinte significado: “1. Ato de morrer; o fim da vida. 2. Fim; termo. 3. Destruição; ruína. 4. (fig) Pesar profundo.” (Luft, 2000) Porém, o termo não é de tão fácil denominação assim. Cada pessoa tem a sua definição, sua crença, e, baseado nelas, procura a própria resposta.

Registros antigos nos mostram que o conceito de morte estava presente desde os primórdios na forma de perda, desintegração, degeneração, fim, ruptura e também como admiração, sedução, fascínio, entrega, alívio, prêmio.

Na pesquisa feita, observamos que a maioria dos sujeitos, ou seja, 67,2% encaram a morte como uma passagem. No contexto dessa definição foi possível identificar a idéia de processo onde acontece a transformação, a mudança e a evolução. Nessa idéia também está implícita a crença na reencarnação, na possibilidade de uma outra vida, quer seja em outro plano, ou ainda no retorno à vida terrena.

A morte como fim foi a segunda definição mais freqüente com 17,9% e os conceitos mais presentes foram: perda, separação, encerramento do plano de vida e término do cumprimento de uma missão.

Na definição da morte como prêmio, 7% dos sujeitos questionados deixaram implícitas as idéias de inferno, paraíso, vida eterna na presença de Deus, ressurreição e salvação. A questão do merecimento é presente com acentuado conteúdo religioso.

A morte como fato natural ou como um mistério foi identificada por um pequeno percentual de respostas 3% e 1,5 % consecutivamente, sem muitas explicações dadas.

Seja qual for a definição, cada indivíduo atribui à morte personificações, qualidades e formas as quais influenciam de forma direta o seu modo de ser. Este modo de ser e esta “morte” que há dentro de cada um é uma informação básica e primordial para se trabalhar, em qualquer ser humano, aspectos ligados ao tema.

- **Sentimento em relação à morte**

Perder, com certeza, é uma experiência intensa. Vivida como uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode sofrer, ela evoca sentimentos não somente para quem a experimenta, mas para quem observa também, mesmo que pelo simples fato de sermos tão impotentes para ajudar. (Bowlby, 1993).

Esses sentimentos variam muito entre as diferentes pessoas e o momento pelos quais elas estão passando. Podem ser sentimentos confusos e dolorosos, serenos e plácidos, raivosos e vingativos, racionais e lógicos, enfim, uma gama de sentimentos que, ao pensar ou passar por experiência de perda, emergem e dão vazão.

Na forma como a questão foi abordada na pesquisa, não é possível analisar os dados com base na premissa de que os sentimentos são em relação à própria morte ou a de um ente querido. O sentimento selecionado

pela maioria dos sujeitos (49,6%) foi de lembrança/ saudade, supostamente apresentado em relação às perdas já vividas. Já, 16,7% relataram sentir medo que, segundo Kovács (1992) é a resposta psicológica mais comum diante da morte apresentando-se com diversas facetas e por várias dimensões.

O prazer de estar vivo (15,8%), foi outro sentimento exposto pelo sujeito. Lembrar-se da finitude, valorizar o tempo e a presença são alguns dos fatores que estimulam o ser humano a buscar o prazer na vida.

A depressão apareceu com uma porcentagem de 5,1% mostrando que, para uma minoria dos sujeitos questionados, o tema morte traz um sentimento de grande abatimento.

Outros sentimentos não mencionados apareceram em 12,8% das respostas.

Partindo da premissa da história pessoal de cada um e do sentimento que a morte evoca nas pessoas, o processo de interagência ganha uma ferramenta importantíssima no trabalho do naturólogo no momento da intervenção. O respeito aos sentimentos e novos olhares para determinada vivência, podem ser feitos através da expressão verbal ou simbólica e também por meio do acolhimento que cada prática natural visa trazer.

- **O que mais causa desconforto: pensar sobre a própria morte ou sobre a morte das pessoas que ama**

A existência humana é marcada pela contradição e ambigüidade. Vida e morte andam juntas num processo contínuo. Pensar sobre a própria morte ou a morte de quem se ama é algo temível para a maioria das pessoas. Por mais que a ciência e a tecnologia avancem, por mais que novos métodos de prevenção e cura estão surgindo, o medo e a negação da morte, em ambos os casos, permanecem.

Estudando a pesquisa, há uma diferença significativa que demonstra ser mais difícil para o ser humano pensar sobre a morte de quem se ama (85,5%). Perder alguém que é objeto do investimento de admiração e amor é, com certeza, uma experiência dolorosa e difícil de lidar. A sensação, para muitos, é como se estivessem perdendo parte de si. O fato de pensar no “nunca mais”, na ausência e na falta do amor que recebíamos daquela pessoa que se foi, é fonte de sofrimento. Viorst (2003) ressalta que nunca estamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, ou desamparados e infelizes como quando perdemos o objeto do nosso amor ou seu amor por nós.

Pensar sobre a própria morte causa desconforto em 12,6% dos sujeitos. Isto, segundo Kubler-Ross (2000), se explica pelo fato do inconsciente não conseguir imaginar a própria morte, tornando o homem cada dia mais distante da idéia de trabalhar a sua própria morte.

Fazendo parte do nosso mundo de possibilidades, pensar sobre a própria morte é deparar-se com a finitude e, junto com isso, nossas próprias limitações, fragilidades e impermanência são trazidas à consciência. Viorst (2003) diz que a idéia de morte se torna algo desagradável, indesejável, distanciando o homem cada vez mais de reflexões que abrem espaço para se pensar no verdadeiro sentido da vida.

- **Dificuldade em falar sobre a morte com outras pessoas**

Afastar a possibilidade da perda é uma forma de proteção que o homem tem perante a sua dificuldade em enfrentar o sofrimento que ela causa. Existe um impulso poderoso para dividir o mundo de natural em oposições binárias.

Este fato reflete-se na banalização da morte apresentada hoje escancaradamente pelos meios de comunicação, divulgando a alta taxa de violência e mortalidade. As pessoas não se impressionam mais como antes.

Dos sujeitos questionados 89,6% não têm dificuldade de abordar o assunto com outras pessoas e, apenas 10,4% apresentam esta limitação, mostrando uma diferença significativa entre as duas respostas.

Talvez falar sobre morte com outra pessoa não seja um fato tão difícil pela própria globalização mencionada antes. A mídia e o mundo moderno trazem à vida cotidiana imagens de pessoas mortas tragicamente, mas que, de certa forma, são desconhecidas e estão distantes geograficamente, permitindo, assim, uma falsa aproximação do tema. Quando ocorre algum tipo de identificação ou mesmo quando a morte é um acontecimento próximo da realidade pessoal, a dificuldade pode aparecer e o ser humano provavelmente irá se deparar com seus medos e fragilidades.

A questão gera um paradoxo muito grande que, segundo Kovács (2003), é margeado pela necessidade de ocultamento da morte e, ao mesmo tempo, de se abrir espaços para uma maior convivência verdadeira com ela tanto na esfera pública quanto na privada.

A educação para a morte entra nesse aspecto como possibilidade de reflexão e de enfrentamento real com o tema.

- **História pessoal ligada à morte mais difícil**

Passar por uma experiência de perda não é privilégio ou desgraça de algumas pessoas. Todos estão passando a todo momento por mortes, sejam elas simbólicas ou concretas. A morte pertence à condição humana e este acontecimento não é apenas uma perda. Ela traz, uma carga emocional intensa que exige do ser humano uma mobilização de sua estrutura física, emocional e espiritual.

Algumas experiências são mais marcantes que outras, diferenciando assim, no nível de sentimentos e na carga emocional que aquele objeto de amor representava.

Mediante estudos de Bromberg (2000) a determinação do impacto de uma perda é influenciada não somente pela experiência pessoal, mas também pelas implicações que este evento tem para a rede social.

Na pesquisa realizada, 51,7% tiveram história pessoal ligada à morte que foi mais difícil de ser trabalhada e 47,3% não tiveram esse tipo de experiência que gerasse tal dificuldade. A diferença estatística entre as duas respostas não foi significativa, porém a justificativa é um dado importante a ser ressaltado.

Dentre as respostas afirmativas apresentadas ficou evidenciado que, além da proximidade do parentesco (67,3%), a superação da perda foi mais difícil quando a pessoa era muito presente e exercia influência quando viva. A morte traumática (21,1%) ficou evidenciada pela citação de mortes acidentais, suicídio e doença terminal. Final de relacionamento (2%), morte de bicho de estimação (2%) e aborto (1%) também apareceram como histórias pessoais difíceis relacionadas à morte.

E, por fim, a sensação de incapacidade para elaborar perdas (3,8%) apareceu como uma das causas que refletem uma história pessoal difícil de ser trabalhada.

As respostas negativas consideraram a morte como algo natural, fazendo parte da vida e sendo uma passagem (26,3%) ou ainda, a não vivência da perda de um ente muito querido (26,3%).

Ampliar esta rede de apoio social e auxiliar cada indivíduo no processo de enfrentamento e elaboração da perda é um trabalho que deve ser

desenvolvido e aplicado, podendo utilizar como mecanismos facilitadores as práticas naturais e, conseqüentemente, o trabalho do naturólogo.

- **Experiência de final de relacionamento**

As experiências de final de relacionamento também são consideradas em sua magnitude como um evento doloroso e com conotação de morte. Segundo Caruso (1986), a separação amorosa e a morte são cúmplices: a primeira se apresentará como precursora e símbolo da segunda. Ou seja, estudar a separação amorosa significa estudar a presença da morte em nossa própria vida.

O rompimento de um vínculo amoroso mobiliza o indivíduo a grandes mudanças, as quais podem ser de difícil elaboração ou encaradas como uma nova possibilidade para a redescoberta da individualidade.

Certo é que qualquer separação, transformação, perdas e ganhos a cada passagem do desconhecido para o novo são fatores relevantes e que merecem um olhar cuidadoso a fim de possibilitarem um sofrimento reconhecido e uma reconstrução sadia.

No questionário aqui apresentado, 72,1% dos sujeitos passaram por experiências de final de relacionamento e apenas 27,9% não vivenciaram tal situação.

- **A reação ao final do relacionamento**

No processo de término de relacionamento, o reconhecimento do pesar é necessário. Bromberg (1996) ressalta que a permissão do luto nessas situações tem que acontecer, pois a vivência da morte está presente com grande intensidade. Bowlby (1993) ainda complementa, dizendo que se há vínculo existe separação, decorrendo daí angústia como reação ao risco de

perder o objeto, e a dor do luto, como a reação à perda afetiva. Portanto, a forma como esta perda é trabalhada individualmente é reflexo das reações atuais a este aspecto da vida.

Dos sujeitos pesquisados 27,5% disseram ter encarado a experiência como término de uma etapa, abrindo-se para novos envolvimento, ressaltando, assim, a superação desta perda e a capacidade de reorganização e de reconstrução para novos relacionamentos.

Em contrapartida, 41% dos sujeitos pesquisados dividiram-se entre 20,5% com reações de depressão, tristeza e comportamento choroso e superação e, 20,5% com reações de depressão por um longo período e depois a superação. Em ambos os casos, o processo de desvinculação aconteceu. A diferença foi o tempo de reorganização de cada indivíduo. Esta vivência difere nas várias etapas de uma crise, mostrando que o tempo para a elaboração de uma perda é flexível e não tabelada.

Com um percentual de 12%, encontram-se as pessoas que não superaram a separação e ainda sofrem pela perda vivida. Para uma separação mal elaborada, segundo Maldonado (2000) é difícil encarar a frustração de um projeto interrompido e a sensação do fracasso de uma intenção. Afirma ainda que a dor da separação é uma dor primordial, na medida em que se refere à perda da relação e ao corte dos aspectos simbióticos que existia entre o casal. A não superação pode estar ligada a um envolvimento com o objeto perdido e a uma negação do reconhecer-se enlutado.

Vivenciadas de formas diferentes, as separações amorosas são rompimentos de vínculos desejados e incorporados como indissolúveis, causando, assim, um impacto emocional seja ele em qual proporção for.

Parkes (1998) diz que o luto é o custo do compromisso, basta se envolver para sentir-se mobilizado.

Neste tipo de luto não há suporte social organizado para ajudar as pessoas que atravessam um processo de separação. O luto não reconhecido faz com que as pessoas que passam por esse tipo de situação se sintam sozinhas e desamparadas perante a sociedade e à sua própria dor.

- **Reação tomada quando uma pessoa amiga perde um ente querido**

Observar o sofrimento de um ente querido e tentar ajudá-lo, de uma forma ou de outra, é natural do ser humano. Ninguém consegue apenas ver o sofrimento do outro sem reagir mesmo que emocionalmente.

Quando uma pessoa amiga perde um ente querido, a sensação de impotência perante a situação é grande. A maioria dos sujeitos questionados (44%) afirmou que, numa situação dessas, apenas fica ao lado da pessoa, sem falar nada, somente dando o apoio da presença. Outros 30,7% tentam consolar a pessoa com palavras, não deixando de ser uma forma de ajuda.

Outra reação apresentada foi a de tentar levantar o ânimo do enlutado, fazendo-o esquecer o acontecimento. Este dado apareceu em 11% dos questionados, refletindo a dificuldade que o ser humano tem em lidar com o assunto no momento da perda. Tentar desviar o enlutado de seu sofrimento é transgredir o processo de luto que ele terá de vivenciar e a representação de seu estado emocional, demonstrando, mais uma vez, a limitação da pessoa que tenta ajudar.

Não falar nada para a pessoa enlutada, pelo fato de não saber o que dizer, é a reação presente em 7,3% dos sujeitos. A inércia expressiva e o sentimento de impotência, segundo Bowlby (1993), são algumas das atitudes do ser humano frente à experiência penosa de quem observa.

Um pequeno percentual (7%), mencionou ter como reação o choro. Chorar é uma expressão emocional esperada em situações de morte e perda,

e que, muitas vezes, acontece com os acompanhantes do enlutado por projetarem o pesar em si mesmos.

No momento da perda o enlutado se vê desamparado e, neste momento, ele necessita de ser compreendido pelos demais seres humanos. A forma como este acolhimento é feito é de suma importância para o fortalecimento da estrutura do ente querido como para todos os envolvidos com o acontecimento.

- **Procura de ajuda de profissionais para trabalhar questões ligadas à perda; a possibilidade de procura de ajuda de profissional especializado no assunto.**

As pessoas sofrem com as perdas e o modo de lidar com estas separações é mais complexo. Enquanto os sentimentos e emoções emergem durante todo o furacão de uma perda, cada ser humano tem a opção de buscar recursos de reestruturação dentro de si e/ou com ajuda de um profissional.

Na pesquisa realizada, 86,6% dos sujeitos mencionaram que nunca procuraram ajuda profissional para trabalhar questões ligadas à perda e apenas 12,9% disseram que já procuraram. Porém, questionando sobre a possibilidade de ajuda, 61,3% relataram que se proporiam a estar utilizando ajuda de um profissional especializado na área e somente 35,8% não procurariam ajuda especializada.

Indo mais além, correlacionando as duas questões, percebe-se que 35,5% dos sujeitos não procuraram ajuda e nem procurariam, refletindo uma relutância e uma crença na capacidade de elaboração individual. Já 48,8% relataram nunca ter feito este tipo de trabalho, mas que se disponibilizariam a realizá-lo, abrindo espaço para atuação de profissionais e permissão para

auxílio em questões mais sofríveis. Somente 12,4% já procuraram ajuda e continuariam procurando o auxílio deste profissional.

Com ou sem a ajuda de profissional especializado é certo de que a sociedade moderna, constituída de máquinas e tecnologias eletrônicas, não supre todas as necessidades humanas. Consoante Kovács (2003) e Boff (2000), os seres humanos não podem viver sem a ajuda de outros seres humanos, principalmente em momentos mais difíceis como a morte.

- **Sobre a atuação de profissionais especializados na intervenção em processo de luto**

A atuação de um profissional especializado em processo de luto é um trabalho desenvolvido com o intuito de auxiliar, antes de mais nada, o enlutado ou a rede familiar que a procura. Segundo Bromberg (2000) tais profissionais são sensibilizados para a importância do luto e suas conseqüências, tendo em vista as reações individuais que afetam vários âmbitos da vida do indivíduo, possibilitando assim, um suporte terapêutico do qual o naturólogo também é capaz de dar.

Mediante os questionários estudados, foi noticiado que muitos responderam ser positiva (81,1%) a intervenção de um profissional especializado para trabalhar questões ligadas à perda, porém algumas ressalvas foram observadas:

- a procura por ajuda não deve ser imposta; (pensam que a procura por um profissional deve partir unicamente da pessoa enlutada, não sendo uma atitude tomada mediante reflexo de cobranças ou contentamento de terceiros)
- a ajuda é válida em casos de depressão profunda; (somente vêem a atuação do profissional em casos extremos em que a pessoa enlutada não consegue por si só lidar com a situação a ponto de desenvolver patologias neste período)

- depende da intervenção (categorizam a intervenção por conversas e/ou por medicamentos, tendo as duas suas necessidades específicas)
- profissionais devem ser preparados. (a busca por profissionais desqualificados poderia prejudicar ou em nada acrescentar no auxílio à pessoa que sofreu a perda. Os questionados mencionam que este profissional especializado deve estar preparado para trabalhar com diversos tipos de perdas e estados psicológicos)

Há pessoas que responderam que não acham necessária a busca de ajuda profissional em questões ligadas à morte (0,5%), pois acreditam na sua própria capacidade de superação.

Um percentual de 9,5% mencionou não conhecer esse tipo de ajuda e preferiu não opinar sobre o assunto.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano em sua constituição é uma totalidade inserida ecologicamente dentro de outra totalidade maior que é o universo. Neste contexto, tudo é regido pelo equilíbrio entre a vida e a morte, fazendo-nos entender que a morte não vem de fora, pelo contrário, todas as perdas que vivenciamos são, de alguma forma, partes nossas que vão desgastando lentamente até acabar de morrer.

Nesta totalidade existem eventos cotidianos que nos preparam, de uma forma ou de outra, para a morte. O entendimento e a assimilação de cada perda diária são oportunidades de transmutar experiências negativas em compreensão para avaliar como enfrentar a morte e conscientizar-se da finitude.

Com esta visão, torna-se mais fácil o ser humano lidar com sua finitude e com a impermanência e, conseqüentemente, com as emoções e sentimentos

advindos delas. Porém, a dificuldade deste olhar holístico e de atitudes que correspondam a tal, faz do indivíduo uma espécie frágil, que reage criando couraças e se movimenta contra os próprios caminhos internos.

As perdas são sim uma fragilidade humana as quais devem e precisam de uma atenção especial.

O naturólogo além de abrir espaço para a escuta e o acolhimento, tem como valiosas ferramentas as práticas naturais, descobertas de forma intuitiva e empírica mas utilizadas hoje com o respaldo científico exigido.

Saber um pouco mais como é a atitude pessoal diante da morte pode auxiliar de forma positiva o trabalho do naturólogo que não distancia seus objetivos de nenhum outro profissional que lida com o ser humano: ajudá-los a se expressar, encaminhá-los para a compreensão e redescoberta das forças que movem o viver.

É certo que o estudo do tema é novo e a profissão Naturólogo é mais nova ainda, por isso, considero que a pesquisa realizada foi somente o começo de uma caminhada rica de obstáculos, de necessidades, de descobertas, enfim, de perdas e ganhos.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda e outros. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984, 139p.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. 2. ed. Brasília: Letraviva, 2000, 241p.

BROMBERG, M.H.P. Franco, KOVÁCS, M. Júlia, CARVALHO, de M. Margarida M.J., CARVALHO, de A. Vicente. **Vida e Morte: laços de existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BROMBERG, M.H.P. Franco (org). **Nada sobre mim sem mim: Estudos sobre Vida e Morte**. Campinas: Livro Pleno, 2005, 108 p.

BOWLBY, J. **Apego e perda**, v.3: perda: tristeza e depressão. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 486p.

CARUSO, Igor A. **A Separação dos Amantes: uma fenomenologia da morte**. 4ª ed. São Paulo: Diadorim: Cortez, 1986, 353p.

CASELLATO, Gabriela (org). **Dor Silenciosa ou Dor Silenciada? Perdas e Lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. Livro Pleno, 2005, 160p.

CRUZ, Magda. **Criança e Doença Fatal: assistência psicorreligiosa**. São Paulo: Sarvier, 1984, 80p.

FRAIMAN, P. Ana. **Coisas da Idade**. São Paulo: Hermes Editora, 1991, 202p.

GAARDER, J. et al. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 315p.

HENNEZEL, Marie de, LELOUP, Jean Yves. **A arte de morrer**. 5ª edição. São Paulo: Vozes, 2002, 143p.

KOVÁCS, M. Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, 243 p.

\_\_\_\_\_. **Educação Para a Morte: Desafio na Formação de Profissionais de Saúde e Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003, 175 p.

LUFT, P. Celso. **Minidicionário Luft**. 20 ed. São Paulo: Ática, 2000, 688p.

MALDONADO, M. Tereza. **Casamento: Término e Reconstrução**. 7ª ed. São Paulo: Saraiva 2000.

MARTIN, L. Terry. **Disfranchised: Divorce and Grief**. Recognizing, Hidden, Sorrow. New York: Lexington Books, 1989.

PARKES, C. Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998, 290p.

PIAJET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

RAIMBAULT, Ginette. **A criança e a morte: crianças doentes falam da morte: problemas da clínica do luto**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 184p.

ROSENBERG, L. Rachel. **Envelhecimento e Morte**. *In*: KOVÁCS, M. Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, 243 p.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 178p.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. 25 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2003, 335p.

## 9. ANEXO

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Faixa Etária:

- a. de 15 à 19 anos
- b. de 20 à 26 anos
- c. de 27 à 39 anos
- d. de 40 à 59 anos
- e. mais de 60 anos

1) Quantos anos tinha quando se deu conta que a morte existia?

- a. Menos de 5 anos
- b. Entre 5 e 10 anos
- c. Mais de 10 anos

2) O assunto morte, quando você era criança, era abordado:

- a. Abertamente
- b. Com certa dificuldade
- c. Não se falava nesse assunto
- d. Havia tentativa de esconder algo ou fugir do assunto
- e. Outro: \_\_\_\_\_

3) No seu primeiro contato com a morte quem morreu?

- a. Avô (a), bisavô (a)
- b. Pai e Mãe
- c. Irmão (a)
- d. Outra pessoa da família
- e. Amigo
- f. Bicho de estimação
- g. Pessoa pública
- h. Outro: \_\_\_\_\_

4) A religião influenciou na sua atitude atual sobre a morte?

- a. Sim, de modo significativo
- b. Sim, porém não teve tanta influência
- c. Não

5) O que você acredita que seja a morte?

6) Qual (is) seu (s) sentimento (s) em relação à morte

- a. Medo
- b. Depressão
- c. Lembrança/ Saudade
- d. Prazer de estar vivo
- e. Outro: \_\_\_\_\_

7) O que mais lhe causa desconforto:

- a. Pensar sobre sua própria morte
- b. Morte de pessoas que ama

8) Você tem dificuldade de falar sobre a morte com outras pessoas?

- a. Sim
- b. Não

9) Teve alguma história pessoal ligada à morte que foi mais difícil para você?

- a. Sim
- b. Não

Por quê?

10) Já teve experiência de fim de relacionamento?

- a. Sim
- b. Não

11) Como reagiu a esta perda do relacionamento?

- a. Alguns dias triste, deprimido, choroso e depois superou
- b. Passou bastante tempo deprimido, mas superou
- c. Não se mobilizou
- d. Não superou e ainda sofre
- e. Encarou como término de uma etapa, abrindo-se para novos envolvimento
- f. Outros: \_\_\_\_\_

13) Quando uma pessoa amiga perde um ente querido como você reage:

- a. Não fala nada pois não sabe o que dizer
- b. Chora
- c. Tenta consolá-lo com palavras
- d. Apenas fica ao lado da pessoa
- e. Tenta levantar seu ânimo e fazê-lo esquecer o acontecimento
- f. Outro: \_\_\_\_\_

14) Já procurou ajuda de profissionais para trabalhar questões ligadas à perda?

- a. Sim
- b. Não

15) Você procuraria ajuda de profissionais especializados no assunto?

- a. Sim
- b. Não

16) O que acha da atuação de profissionais na intervenção em processo de luto?

Faixa Etária	N.o Resposta	Porcentagem
De 15 à 19 anos	18	9,0%
De 20 à 26 anos	73	36,3%
De 27 à 39 anos	43	21,4%
De 40 à 59 anos	52	25,9%
Mais de 60 anos	15	7,5%
Quantidade Entrevistados	201	

1) Quantos anos você tinha quando se deu conta que a morte existia?	N.o Resposta	Porcentagem
Menos de 5 anos	41	20,4%
Entre 5 e 10 anos	125	62,2%
Mais de 10 anos	34	16,9%
Não sabe	1	0,5%
Quantidade Entrevistados	201	

2) O assunto morte, quando você era criança, era abordado:	N.o Resposta	Porcentagem
Abertamente	85	42,3%
Com certa dificuldade	49	24,4%
Não se falava nesse assunto	45	22,4%
Havia tentativa de esconder algo ou fugir do assunto	12	6,0%
Outro	8	4,0%
Não respondeu	2	1,0%
Quantidade Entrevistados	201	

3) No seu primeiro contato com a morte, quem morreu?	N.o Resposta	Porcentagem
Avô (a), bisavô (a)	88	42,3%
Pai e Mãe	13	6,3%
Irmão (a)	15	7,2%
Outra pessoa da família	41	19,7%
Amigo	12	5,8%
Bicho de estimação	29	13,9%
Pessoa Publica	8	3,8%
Outro	2	1,0%
Quantidade Entrevistados	208	

4) A religião influencia na sua atitude sobre a morte?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim, de modo significativo	114	56,7%
Sim, porem não tem tanta influencia	38	18,9%
Não	48	23,9%
Não respondeu	1	0,5%
Quantidade Entrevistados	201	

6) Qual(is) seu (s) sentimento (s) em relação à morte	N.o Resposta	Porcentagem
Medo	39	16,7%
Depressão	12	5,1%
Lembrança / Saudade	116	49,6%
Prazer de estar vivo	37	15,8%
Outro	30	12,8%
Quantidade Entrevistados	234	

7) O que mais lhe causa desconforto:	N.o Resposta	Porcentagem
Pensar sobre sua própria morte	26	12,6%
Morte de pessoas que ama	177	85,5%
Outro	4	1,9%

Quantidade Entrevistados	207
--------------------------	-----

8) Você tem dificuldade de falar sobre a morte com outras pessoas?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	21	10,4%
Não	180	89,6%
Quantidade Entrevistados	201	

9) Teve alguma história pessoal ligada à morte que foi mais difícil para você?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	104	51,7%
Não	95	47,3%
Não respondeu	2	1,0%
Quantidade Entrevistados	201	

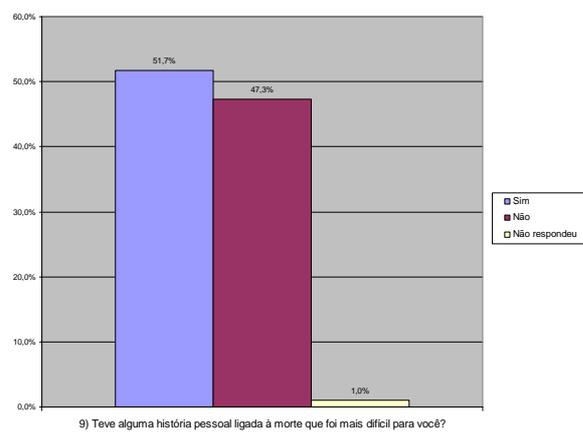
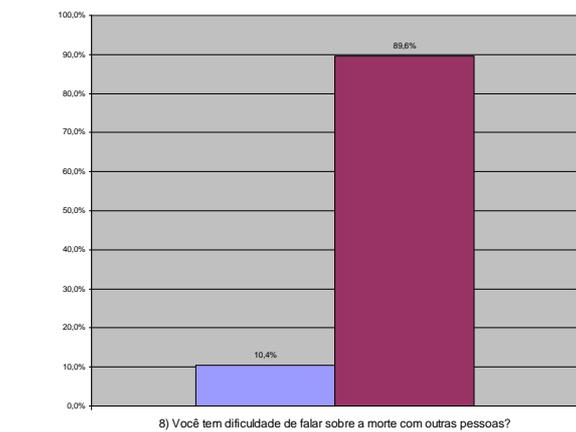
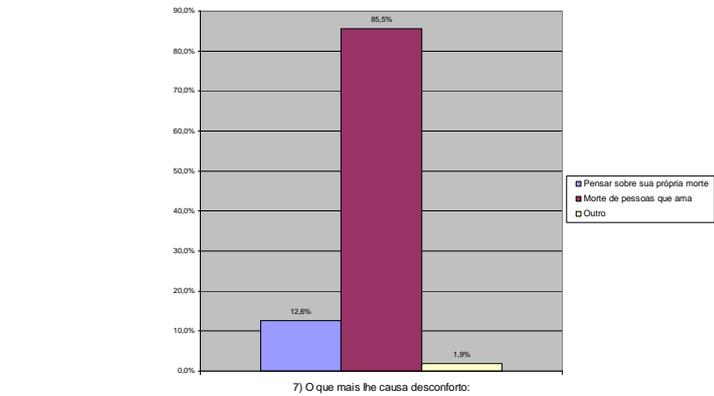
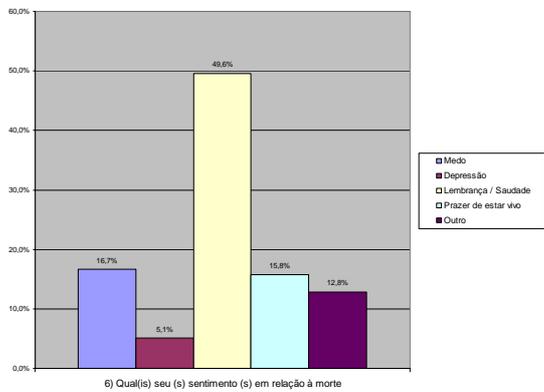
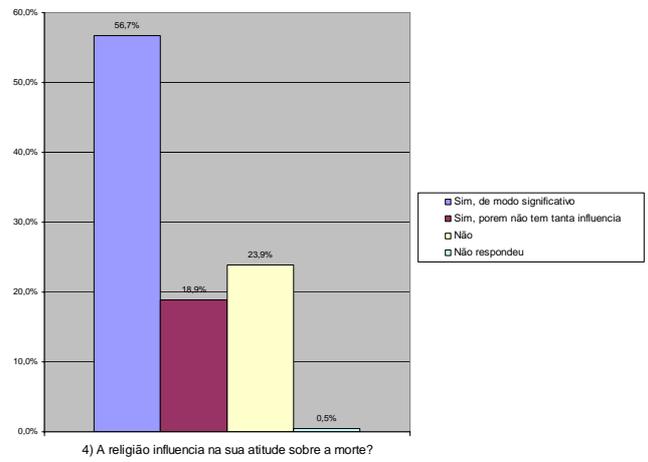
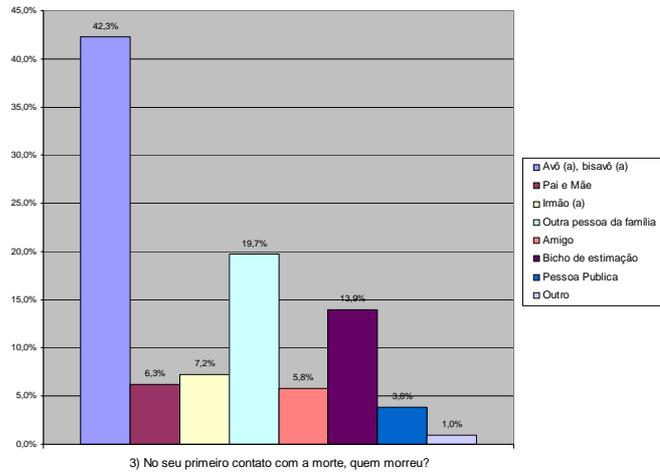
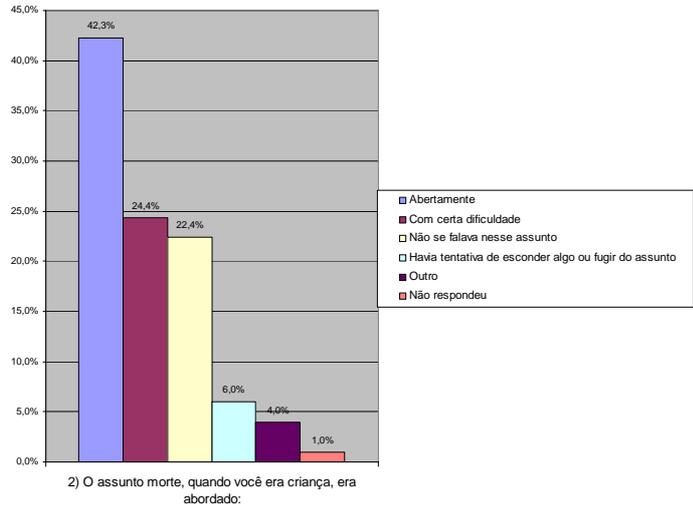
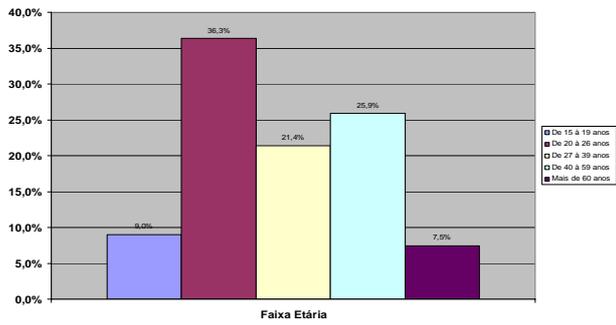
10) Já teve experiência de fim de relacionamento?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	145	72,1%
Não	56	27,9%
Quantidade Entrevistados	201	

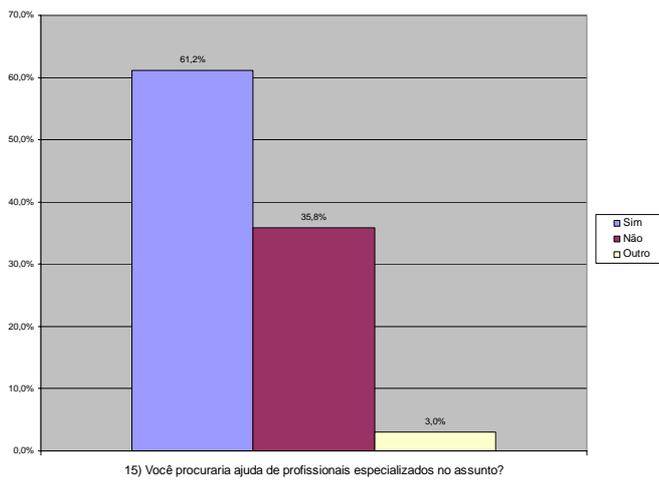
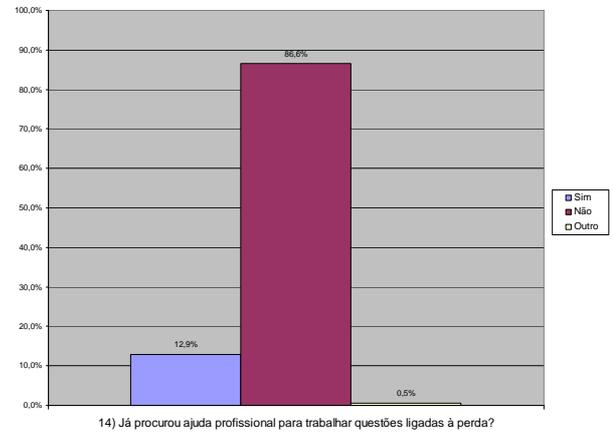
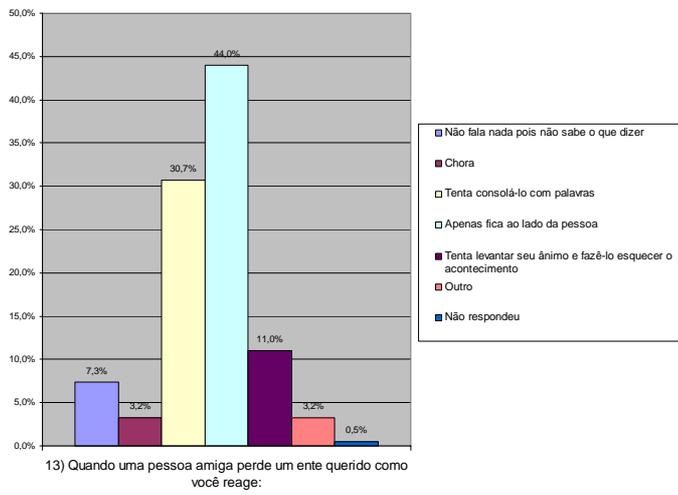
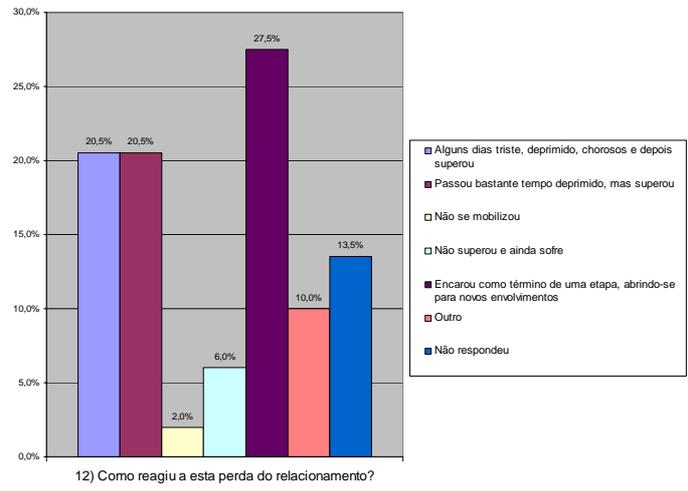
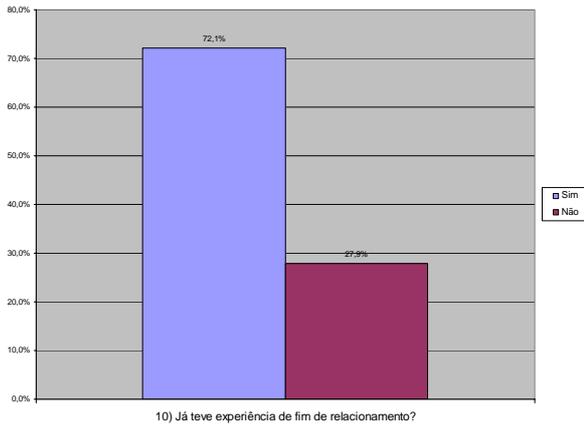
12) Como reagiu a esta perda do relacionamento?	N.o Resposta	Porcentagem
Alguns dias triste, deprimido, chorosos e depois superou	41	20,5%
Passou bastante tempo deprimido, mas superou	41	20,5%
Não se mobilizou	4	2,0%
Não superou e ainda sofre	12	6,0%
Encarou como término de uma etapa, abrindo-se para novos envolvimento	55	27,5%
Outro	20	10,0%
Não respondeu	27	13,5%
Quantidade Entrevistados	200	

13) Quando uma pessoa amiga perde um ente querido como você reage:	N.o Resposta	Porcentagem
Não fala nada pois não sabe o que dizer	16	7,3%
Chora	7	3,2%
Tenta consolá-lo com palavras	67	30,7%
Apenas fica ao lado da pessoa	96	44,0%
Tenta levantar seu ânimo e fazê-lo esquecer o acontecimento	24	11,0%
Outro	7	3,2%
Não respondeu	1	0,5%
Quantidade Entrevistados	218	

14) Já procurou ajuda profissional para trabalhar questões ligadas à perda?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	26	12,9%
Não	174	86,6%
Outro	1	0,5%
Quantidade Entrevistados	201	

15) Você procuraria ajuda de profissionais especializados no assunto?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	123	61,2%
Não	72	35,8%
Outro	6	3,0%
Quantidade Entrevistados	201	





## Pesquisa – relação pessoal com o tema morte

5) O que você acredita que seja a morte ?	N.o Resposta	Porcentagem
Morte como fim	36	17,9%
Passagem	135	67,2%
Premio	14	7,0%
Natural	6	3,0%
Mistério	3	1,5%
Não sabe	5	2,5%
Não respondeu	1	0,5%
Negação	1	0,5%

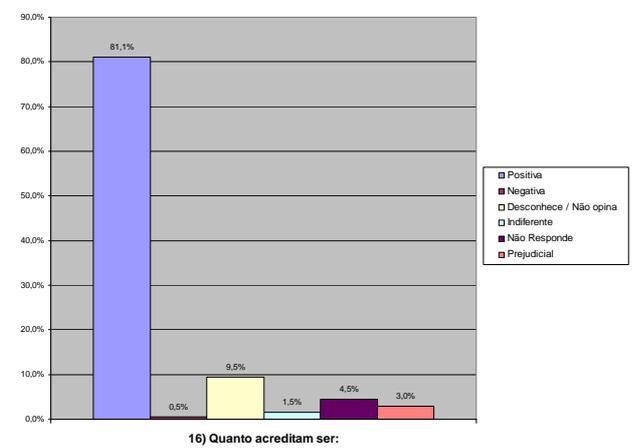
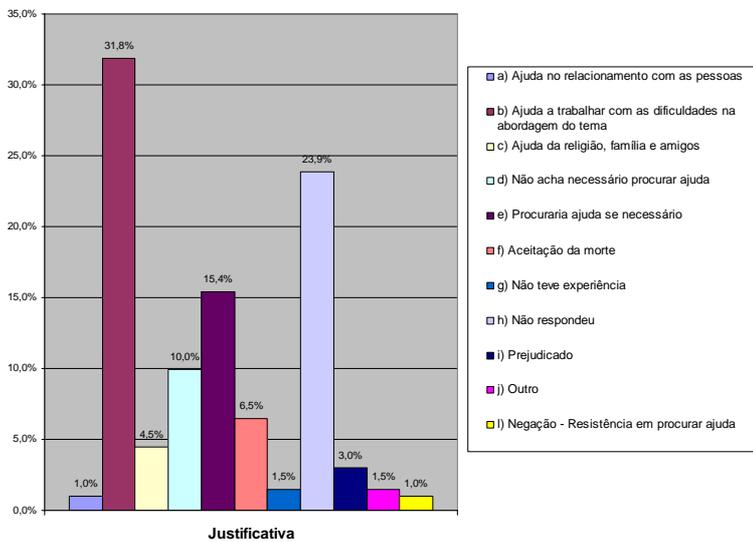
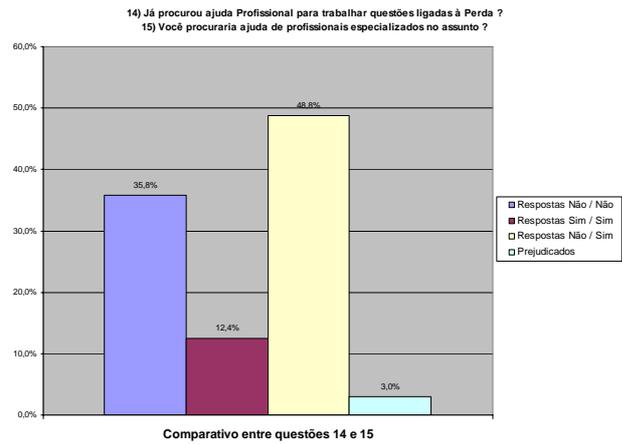
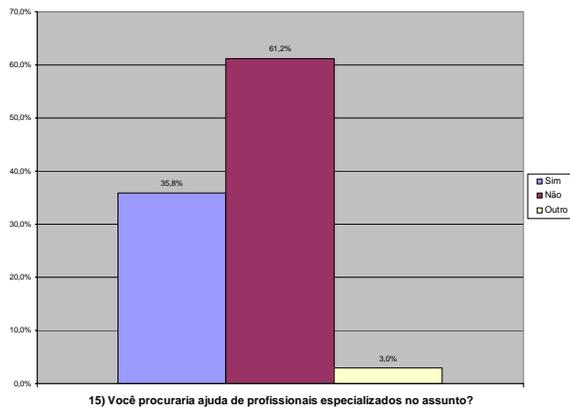
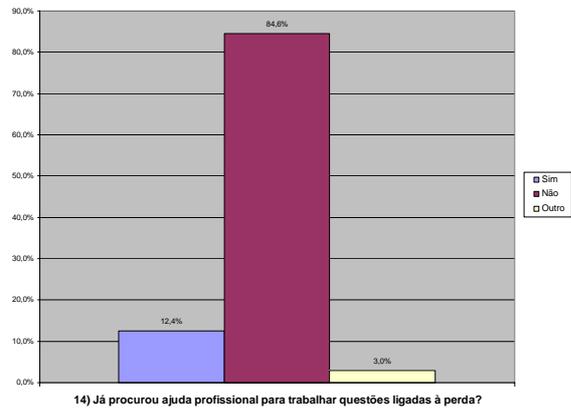
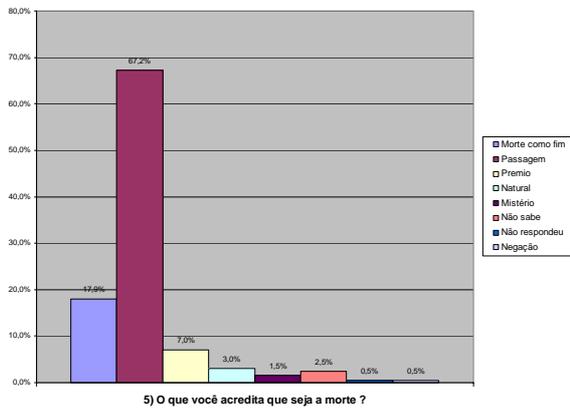
14) Já procurou ajuda profissional para trabalhar questões ligadas à perda?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	25	12,4%
Não	170	84,6%
Outro	6	3,0%

15) Você procuraria ajuda de profissionais especializados no assunto?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	72	35,8%
Não	123	61,2%
Outro	6	3,0%

Justificativa	N.o Resposta	Porcentagem
a) Ajuda no relacionamento com as pessoas	2	1,0%
b) Ajuda a trabalhar com as dificuldades na abordagem do tema	64	31,8%
c) Ajuda da religião, família e amigos.	9	4,5%
d) Não acha necessário procurar ajuda	20	10,0%
e) Procuraria ajuda se necessário	31	15,4%
f) Aceitação da morte	13	6,5%
g) Não teve experiência	3	1,5%
h) Não respondeu	48	23,9%
i) Prejudicado	6	3,0%
j) Outro	3	1,5%
l) Negação - Resistência em procurar ajuda	2	1,0%

16) Quanto acreditam ser:	N.o Resposta	Porcentagem
Positiva	163	81,1%
Negativa	1	0,5%
Desconhece / Não opina	19	9,5%
Indiferente	3	1,5%
Não Responde	9	4,5%
Prejudicial	6	3,0%

14) Já procurou ajuda profissional para trabalhar questões ligadas à perda?	N.o Resposta	Porcentagem
15) Você procuraria ajuda de profissionais especializados no assunto?		
Respostas Não / Não	72	35,8%
Respostas Sim / Sim	25	12,4%
Respostas Não / Sim	98	48,8%
Prejudicados	6	3,0%

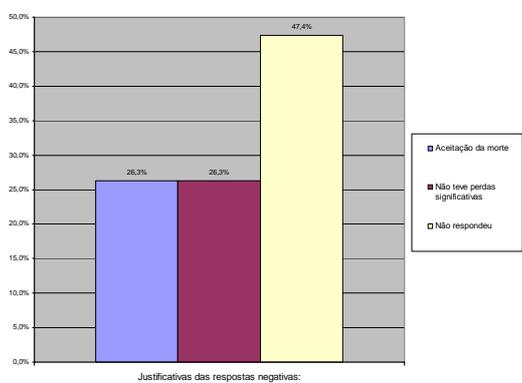
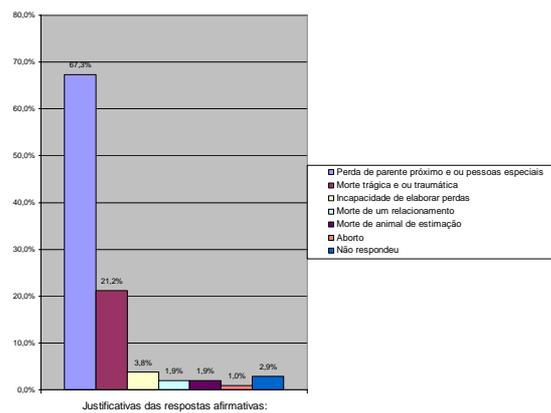
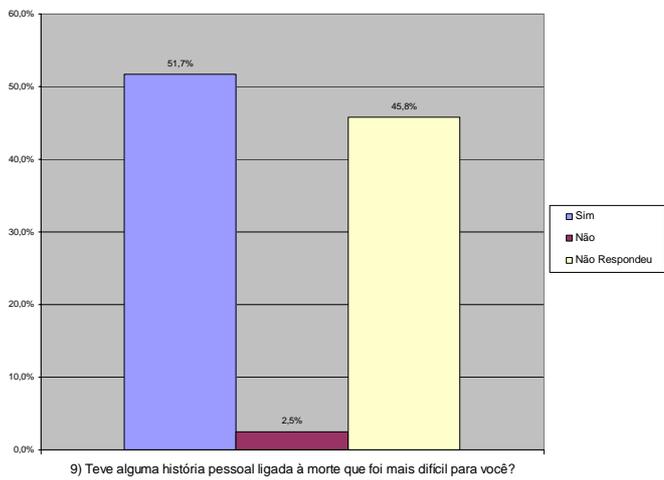


## Pesquisa – relação pessoal com o tema morte

9) Teve alguma história pessoal ligada à morte que foi mais difícil para você?	N.o Resposta	Porcentagem
Sim	104	51,7%
Não	5	2,5%
Não Respondeu	92	45,8%
Quantidade Entrevistados	201	

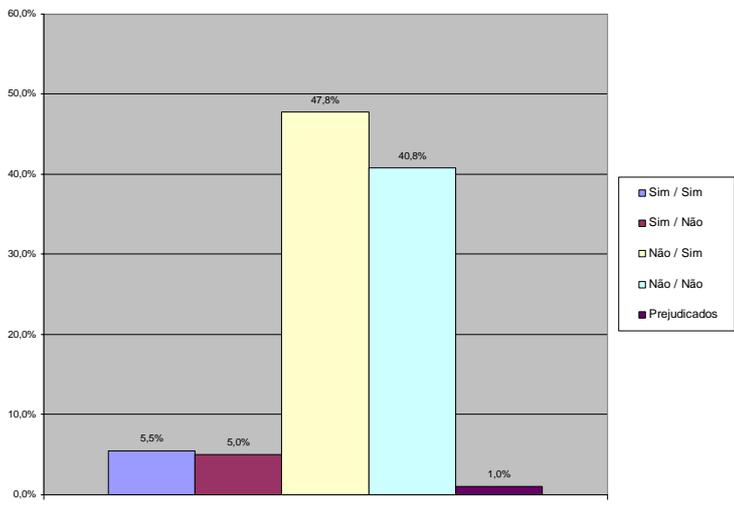
Justificativas das respostas afirmativas:	N.o Resposta	Porcentagem
Perda de parente próximo e ou pessoas especiais	70	67,3%
Morte trágica e ou traumática	22	21,2%
Incapacidade de elaborar perdas	4	3,8%
Morte de um relacionamento	2	1,9%
Morte de animal de estimação	2	1,9%
Aborto	1	1,0%
Não respondeu	3	2,9%
Quantidade Entrevistados	104	

Justificativas das respostas negativas:	N.o Resposta	Porcentagem
Aceitação da morte	25	26,3%
Não teve perdas significativas	25	26,3%
Não respondeu	45	47,4%
Quantidade Entrevistados	95	



## Pesquisa: Relação Pessoal com o tema morte

Tabulação das questões 8 e 9 correlacionadas:	N.o Resposta	Porcentagem
8. Você tem dificuldade de falar sobre a morte com outras pessoas?		
9. Teve alguma história pessoal ligada à morte que foi mais difícil pra você?		
Sim / Sim	11	5,5%
Sim / Não	10	5,0%
Não / Sim	96	47,8%
Não / Não	82	40,8%
Prejudicados	2	1,0%



Tabulação das questões 8 e 9 correlacionadas: